

THIAGO VINICIUS RODRIGUES DE VASCONCELOS
FILOSOFIA / PPGF
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PUCPR

**DA EXPLORAÇÃO E ESGOTAMENTO DO PLANETA À ECOLOGIA INTEGRAL:
UM NOVO ESTILO DE VIDA E PENSAMENTO**

Concurso *“Você concorda com o Papa Francisco? Por quê?”* promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e o Instituto Ciência e Fé da Pontifícia Universidade Católica do Paraná

CURITIBA
2015

DA EXPLORAÇÃO E ESGOTAMENTO DO PLANETA À ECOLOGIA INTEGRAL: UM NOVO ESTILO DE VIDA E PENSAMENTO

VASCONCELOS, Thiago (PUCPR).
thiagovasconcelosmg@gmail.com – (41) 9777-9726.

1 INTRODUÇÃO

O sociólogo franco-brasileiro Michael Löwy afirmou na revista espanhola *Exodo* que a encíclica do Papa Francisco é um acontecimento de importância planetária. Em que consiste essa relevância apontada por Löwy que emerge da carta enviada a todos aqueles que estejam dispostos a lê-la? O que constitui o valor das palavras que ecoam de um escrito preocupado com a destinação do ser humano inserido em um mundo pelo qual é responsável?

Certamente não podemos reduzir a encíclica *Sobre o cuidado da casa comum* como um escrito de cunho apenas religioso. Tampouco vê-la como panfleto ecologista. Com tamanha audácia Francisco nos convida a rever como nos relacionamos com o mundo que nos cerca e com aqueles com quem convivemos.

O cuidado com a casa comum nasce de um diagnóstico radical dos fundamentos da crise ecológica, que se espalha em uma crise do próprio modo como o ser humano se relaciona com tudo aquilo que diz respeito a ele. Dessa forma, uma visão integral como a proposta do Papa Francisco em sua encíclica pode nos conduzir a um estilo de vida em que se derrubam os muros do eu e as barreiras do egoísmo.

2 DESENVOLVIMENTO

A problemática ecológica, dessa forma, não está dissociada de uma crise das estruturas da economia mundial: o clamor do planeta em perigo se liga ao clamor dos pobres que sofrem a violência de um sistema que os abandona e os maltrata. Afinal são os mais pobres as vítimas mais brutais das consequências do esgotamento ao qual temos levado o nosso planeta: seja enquanto são os mais afetados pelos efeitos sobre a saúde causados pela poluição atmosférica e da água, seja pela falta de recursos em um contexto em que os países subdesenvolvidos ainda sofrem as marcas deixadas pela exploração travestida de colonização. O

domínio dos países desenvolvidos sobre os países pobres tem sua continuidade por meio do controle econômico mascarado de dívida externa. Os mais ricos banqueteiam-se com as riquezas do planeta até mingua-las e quem paga com sua própria qualidade de vida são os pobres desta terra. Consequentemente, de acordo com aquilo que o Papa nos mostra, a fragilidade do planeta se constitui, sobretudo, em fragilidade dos abandonados e maltratados pela economia mundial. Afinal, são os pobres que suportam a maior parte do ônus da exploração da natureza: quem mora nas periferias onde estão os lixões? Quem luta para não ser expulso pelo agronegócio de seu território? São os pobres, os excluídos e marginalizados pela economia mundial.

Precisamos pensar novos modos de entender a economia. É visível a todos nós a maneira pela qual as relações econômicas estabelecidas em nosso mundo são incapazes de respeitar o meio ambiente. Sob a égide do progresso ilimitado, o pensamento técnico-científico não encontra em seu caminho nada que o possa parar. O consumismo propagado e incentivado pela estrutura econômica vigente tem como seu *telos* – sua finalidade – apenas o lucro. O império do consumo exacerbado conduz-nos inevitavelmente a uma perda da multiplicidade cultural, da qualidade de vida e à degradação do ambiente.

Torna-se de ampla importância que, seguindo as palavras de Francisco, se desenvolva uma economia atenta aos princípios éticos, às verdadeiras necessidades que clamam do interior da existência humana. O modelo de progresso que temos levado adiante deve ser posto em xeque, o uso da técnica como instrumento que degrada a qualidade de vida do ser humano parece contradizer o próprio fato de que ela é produto das mãos humanas. Não queremos, no entanto, defender que o progresso da técnica e da ciência não trouxe qualquer benefício para a vida no planeta, ao contrário, o que nos preocupa e constitui um perigo em nosso tempo parece-nos ser a falta de limite e de finalidade no que se refere ao desenvolvimento técnico-científico, o fato de termos deixado de questionar seriamente suas múltiplas possibilidades e reais benefícios; em suma, não sabemos ao certo porque progredimos, estamos imbuídos de uma arrogância na qual avançamos para sustentarmos que nossa civilização está no cume do desenvolvimento possível.

A crítica ao paradigma técnico-científico acima mencionado aparece ao longo de todo o texto do Papa Francisco. Para o pontífice a tecnologia exerce hoje um

papel central de poder sobre a população, domínio que se revela nos ditames da publicidade e no mito reproduzido de que pelo fato de ter se constituído como remédio para muitos males a tecnologia pode nos reconduzir ao éden – o lugar onde habita a perfeição – ou mesmo tornar-nos deuses, os criadores e recriados de nós mesmos. Não podemos nos esquecer, contudo, do uso da tecnologia nos regimes totalitários ou mesmo da bomba atômica. A reivindicação de que a própria tecnologia nos salvará dos problemas ambientais não faz qualquer sentido, o que remete àqueles que acreditam que o problema da fome e da pobreza será resolvido com o crescimento do mercado. Esse último que, lembremos mais uma vez, é inflado pelo desejo de progresso e lucro ilimitado, independente de por quem ou pelo que tenha que “passar por cima”.

A tecnologia não é neutra, ela constitui um poder que pode ser usado para diferentes fins eticamente justificados ou não. Desse modo, a mão que segura uma arma desempenha um lugar de centralidade, pois ela é quem puxa o gatilho. A tecnologia expande as possibilidades de relação de poder e, assim, a questão que se impõe ao ser humano contemporâneo e a qual Francisco nos faz novamente recordar é aquela que nos coloca como responsáveis pelos rumos com que organizamos o cuidado com a casa comum, que inclui a nós mesmos, o outro, e todas as criaturas viventes e a própria possibilidade de condições que favoreçam o aparecimento da vida no planeta.

O paradigma não pode ser o do poder e domínio através da tecnologia, a economia não pode ser a propulsora de um progresso cego que marginaliza e permite violentamente que milhares de pessoas no mundo morram de fome e sejam vítimas da miséria que os assola de distintas maneiras. O primeiro passo dentro de uma discussão séria no que diz respeito à mudança de paradigma que a crise ambiental exige deve levar em conta a convicção de que existe um elo entre tudo aquilo que habita sobre a terra. E aqui não queremos juntamente com o Papa Francisco defender qualquer tipo de misticismo esotérico. Tudo está interligado, portanto, nós habitamos a natureza não como algo radicalmente distinto dela. Os seres humanos fazem parte da natureza, são partícipes da espontaneidade que eclode de suas constantes mudanças. Essa ligação entre sociedade e meio ambiente evidencia-se na relação que estabelecemos para com o último, como quem busca no seio materno o alimento e o aconchego propício para que não pereçamos. Consequentemente, se tudo está interligado a decorrência só pode ser

uma atitude solidária para com tudo o que nos cerca, traduzida na preocupação pelo meio ambiente, mas também pelo ser humano outro que me interpela em sua carência.

Os problemas da natureza e os problemas da humanidade se unem quando falamos em cuidar da casa comum, pois só habitamos esta terra a partir do relacionamento com outrem. Toda criatura tem seu papel no todo que constitui a vida no planeta, portanto, cabe-nos o respeito e responsabilidade para com a diversidade e pluralidade de criaturas que a dinâmica da vida fez brotar sobre a terra. “Louvado seja meu senhor!” são as palavras de São Francisco, aquele que soube de maneira radical apreciar a grandeza e o valor de cada criatura na totalidade da natureza. O valor das demais criaturas não reside naquilo que posso extrair delas, a imagem do antropocentrismo deve ser desmanchada para dar lugar a uma concepção em que o homem não é o centro de poder e domínio sobre aquilo que o cerca, mas constitui um elo da totalidade que o constitui. Sua diferença primordial em relação às demais criaturas reside, por conseguinte, na responsabilidade que traz consigo, ou seja, na tarefa de guardião da totalidade da vida.

Pensar a partir da noção de que todas as criaturas estão interligadas de algum modo entre si e, conseqüentemente, com o ambiente em que vivem nos conduz não a uma ecologia superficial. Ao contrário, é uma ecologia integral que visa Francisco na proposta apresentada em *Laudato si*. O pontífice assume uma atitude de abertura para uma discussão séria acerca da crise que nos perpassa e daquilo que podemos fazer para mudarmos a situação vigente. Francisco textualmente afirma que a Igreja Católica a qual ele representa está aberta à discussão filosófica e científica, não será pela autorreferencialidade de qualquer cosmovisão e modo de se compreender a realidade que possibilitará a superação da crise contemporânea. Ao invés de fechar as barreiras do diálogo, a encíclica abre as portas para um debate sério e sincero, ou seja, a crise ambiental é também crise do diálogo e, só a partir deste pode ser superada. É preciso uma ecologia que repense o *locus* do ser humano no mundo, não como centro, mas como um participante ativo das transformações do ambiente, o que o torna ao mesmo tempo responsável. Se a *Laudato si* se configura como um escrito sobre ecologia, o faz na medida em que pensa uma ecologia integral constituída como ecologia ambiental, social, econômica

e cultural, âmbitos da existência que precisam ser questionados incessantemente de forma comprometida a partir da vida cotidiana.

Aqui reside a centralidade do poder político, seja internacional ou local. A política focada no atendimento às populações consumistas tem como escopo produzir cada vez mais em direção a um crescimento cada vez maior. O poder político não assume o risco de afetar o nível de consumo de sua população ou mesmo o investimento de países estrangeiros. E a melhor forma de manter o *status quo* é impedindo qualquer discussão séria e a promoção do debate. Os interesses eleitoreiros ditam as ações do poder político e, desse modo, os interesses dos mais pobres, daqueles mais atingidos pelos problemas ambientais são sobrepujados pelos interesses do progresso econômico e da manutenção da estrutura do poder político. Francisco mais uma vez nos adverte: é necessário que os cidadãos controlem o poder político! Somente assim poderemos combater os danos ambientais, isto é, quando os interesses não forem mais o do consumo, do progresso irrefreável e da manutenção do poder político eleitoreiro. E, segundo Papa Francisco, é a partir de uma mudança radical em nosso estilo de vida que podemos pressionar aqueles que detêm o poder político.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos que Francisco conclama em sua encíclica *Sobre o cuidado da casa comum* a nos unirmos em uma atitude de resistência à cultura do descarte. A lógica do consumo produz cada vez mais artefatos que não podem ser reaproveitados, que são transformados em lixo. A cultura do descarte ainda conta com o poder exercido pela publicidade e pelo fetichismo da mercadoria. Não compramos aquilo que necessitamos, compramos uma marca, um conceito, visando na maioria das vezes uma aceitação social, pois já não somos nada além daquilo que temos. E logo descartamos aquilo que temos para adquirirmos o novo que surge.

Não restam dúvidas que diante tal situação cabe-nos um debate sério, mudanças na economia e na atividade do poder político mundial, um novo modo de entendermos o lugar de cada criatura no mundo e o nosso próprio lugar, mas, além disso, é necessária uma atitude de resistência e contra-conduta. A proposta de um

novo estilo de vida é a maior arma que temos e aqui a educação em todos seus âmbitos exerce um papel fundamental.

É preciso resistir e se opor à tecnocracia: ao seu poder massificante e globalizador. Ao estilo de vida que tem como consequência a catástrofe devemos contrapor o da responsabilidade. Frente ao estilo de vida que tem como paradigma o consumo e o descarte devemos levantar o da solidariedade e o da contemplação respeitosa. Em suma, fica-nos claro porque *Laudato si* é de importância planetária: a tarefa que cabe a nós é a de louvarmos juntos com Francisco de Assis um ambiente onde possamos viver juntos em comum união.

4 REFERÊNCIAS

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco);. **Carta encíclica do Santo Padre Francisco: sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulus, 2015.

LEONARDO BOFF. Laudato Si: **Una Enciclica anti-sistemica: la opinión de un marxista**. Disponível em: < <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/08/22/laudato-si-una-enciclica-anti-sistemica-la-opinion-de-un-marxista/>>. Acesso em: 17 set. 2015.